

18º REDOR

24 a 27 de Novembro
2014

Universidade Federal Rural de Pernambuco, Recife - PE
Tema: Perspectivas Feministas de Gênero:
Desafios no Campo da Militância e das Práticas



Feminismo em movimento: A Marcha das Vadias e o movimento feminista contemporâneo

Camila Carolina H. Galetti¹

RESUMO

Esse texto tem como finalidade identificar através da Marcha das Vadias a mobilização e difusão dessa manifestação alavancada por mulheres nas redes sociais virtuais. A Marcha se caracteriza por uma manifestação mundial de caráter feminista que teve sua primeira edição em 2011, as jovens militantes feministas atuam politicamente através de manifestos, de textos questionando machismo, lutando contra as diversas violências sofridas pelas mulheres, são elaboradas artes com engajamento político para visibilizar as lutas contra a ordem patriarcal. Aspectos que foram criados e explorados na década de 1960, pela segunda onda de feminismo, marcada pela busca da igualdade dos gêneros, são retratados através da Marcha das Vadias, tendo em vista que muitas lutas encabeçadas pelas militantes na década de 1960, ainda não foram alcançadas, como por exemplo, a falta de autonomia do corpo da mulher, o direito ao aborto legal. Face ao exposto, a intencionalidade desse texto é abordar como essas jovens militantes se organizam para a Marcha das Vadias de Maringá – Paraná, quais são suas pautas de reivindicação e como a articulação é feita através das redes sociais. Nossa base teórica metodológica consiste nas teorias feministas e na historiografia dos movimentos feministas.

Palavras-chave: Marcha das Vadias. Feministas. Gênero. Movimentos feministas.

INTRODUÇÃO

Surgida em 2011 na cidade de Toronto, Canadá as Slut Walks² já atingiram muitos países. Um de seus objetivos é adotar o conceito de “vadia” para se opor ao estereótipo de culpa que recai sobre mulheres agredidas em função da exposição de seus corpos ou de suas sexualidades, defendendo o direito de autonomia pelos seus

¹ Mestranda no Programa de Pós-graduação de Sociologia – Universidade de Brasília. Instituição financiadora: CAPES. E-mail: camilagaletti@hotmail.com

² A tradução do termo original Slut Walk se deu de diferentes formas, devido as diferentes palavras usadas para designar uma slut. No estado do Ceará, por exemplo, foi utilizado o nome Marcha das Vagabundas. Em Portugal, Marcha das Ordinárias e Marcha das Galdérias. Na maioria dos países de língua espanhola o nome escolhido foi Marcha de las Putas (mapeamento na internet).

18º REDOR

24 a 27 de Novembro
2014

Universidade Federal Rural de Pernambuco, Recife - PE
Tema: **Perspectivas Feministas de Gênero:
Desafios no Campo da Militância e das Práticas**



corpos. No Brasil, A Slut Walk ganhou o nome de Marcha das Vadias e já acontece em cerca de trinta cidades diferentes. Esse movimento aconteceu como resposta a um policial que afirmou que mulheres que se vestem como vadias são responsáveis pela própria vitimização em ataques sexuais.

A partir daí o movimento se disseminou no mundo inteiro, articulando jovens feministas em Marchas as quais são organizadas de formas descentralizadas utilizando a internet como ferramenta singular de organização e propagação do movimento, através de blogs, redes sociais como o facebook. As redes sociais tornam-se um campo de militância para as mulheres. Sandie Plant em seu livro “A mulher digital” (1999), relata que as mulheres eram o objeto da informação, mas nunca o sujeito na comunicação. A autora relata que:

Desde a Revolução Industrial e em todas as fases subsequentes da mudança tecnológica tem acontecido que, quanto mais sofisticadas as máquinas, mais feminina se torna a força de trabalho [...] Aconteceu isso desde que as primeiras máquinas automáticas passaram a ser operadas pelas primeiras operárias e o medo do desemprego, que tem obcecado as discussões modernas sobre a inovação tecnológica, sempre foi sentido pelos homens como trabalhadores e não por suas colegas mulheres (PLANT, p.43, 1999).

A princípio, as mulheres não eram sujeitos na comunicação, mas com o passar do tempo, elas passaram a utilizar as tecnologias – que a priori foram criadas para mover regulamentação, contenção e controle, como ferramenta de ‘emancipação’ e militância, as mulheres têm se apropriado desse espaço para ampliarem o debate sobre o feminismo e se mobilizarem, como é o caso das organizadoras, participantes das Marchas das Vadias.

Percebe-se que a liberação do corpo feminino está no centro da pauta dessas militantes. “Meu corpo, minhas regras” é o *slogan* mais visto nos cartazes, nas redes sociais e também escrito nos corpos das manifestantes nas Marchas. Essa bandeira de luta sempre esteve presente nas discussões dos movimentos feministas - principalmente com a chamada segunda onda do feminismo na década de 1970, a questão da mulher e a autonomia do seu corpo, “Nosso corpo nos pertence!” impõem a divisão entre o biológico e o cultural, buscando romper com a ideia de que a mulher é o “sexo frágil”. Podemos interpretar essa bandeira de duas formas: seja

18º REDOR

24 a 27 de Novembro
2014

Universidade Federal Rural de Pernambuco, Recife - PE

Tema: Perspectivas Feministas de Gênero:

Desafios no Campo da Militância e das Práticas



pela mercantilização do corpo feminino; seja pelas mulheres serem objetos de violência. Mercantilização porque a mulher na ordem patriarcal é vista como inferior e muitas vezes como objeto, mercadoria – essa visão está solidificada no discurso biológico; objeto de violência pelo fato de nunca terem autonomia pelos seus corpos, direito a escolha de reprodução, de interromper uma gravidez indesejável e para além de violências físicas (como o estupro), violências simbólicas estão no cotidiano de muitas mulheres. Um dos questionamentos das militantes do movimento é que sempre o Estado ou a Igreja decidem pela mulher, ou seja, elas não possuem autonomia de escolha, controle pelos seus corpos; essa é uma questão de destaque nas pautas das Marchas das Vadias, principalmente com o *slogan*: “Tirem seus rosários dos nossos ovários”.

Trinte e cinco cidades tiveram pelo menos uma edição da Marcha das Vadias, segundo Helene (2008), Em algumas cidades as marchas tomaram dimensões muito maiores. A Marcha das Vadias de Campinas (terceira maior cidade do estado de São Paulo), por exemplo, alcançou um significado expressivo devido aos numerosos casos de estupro no distrito de Barão Geraldo, onde fica a Universidade Estadual de Campinas (UNICAMP). Nesse caso, além da divulgação via internet a marcha estabeleceu um “comitê” de organização do protesto, que agregou diversos coletivos: de feministas, de assistência jurídica popular, de anarquistas, de rádios livres, de cyberfeminismo e militantes organizadas em partidos políticos.

Nesse sentido, espera-se contribuir com o debate sobre a organização dos novos arranjos políticos e sociais do feminismo, problematizando uma dinâmica de lutas e mobilizações recente e pouco explorada pela teoria social brasileira. Afinal, como sugere Margareth Rago (2013):

A “Marcha das vadias”, por exemplo, traz algumas novidades no modo de expressão da rebeldia e da contestação, caracterizando-se pela irreverência, pelo deboche e pela ironia. Se a caricatura da antiga feminista construía uma figura séria, sisuda e nada erotizada, essas jovens entram com outras cores, outros sons e outros artefatos, teatralizando e carnalizando o mundo público. Autodenominando-se “vadias”, ironizam a cultura dominante, conservadora e asséptica e, nesse sentido, arejam os feminismos, trazendo leveza na maneira de lidar com certos problemas, mas estabelecendo continuidades com as experiências passadas, mesmo

18º REDOR

24 a 27 de Novembro
2014

Universidade Federal Rural de Pernambuco, Recife - PE

Tema: Perspectivas Feministas de Gênero:

Desafios no Campo da Militância e das Práticas



que não explicitem esses vínculos nem reflitam sobre eles (RAGO, 2013, p.314).

Assumindo a hipótese da autora, este artigo pretende problematizar: Como a Marcha das Vadias recoloca a luta contra a ordem patriarcal e o machismo? Qual é a relação das Marchas com os movimentos feministas encabeçados na década de 1970? Essas, dentre outras questões serão problematizadas no decorrer do texto.

1. Feminismo da Segunda Onda x Marchas das Vadias

O discurso masculino durante séculos apresentou a mulher como inferior ao homem, embasado nas diferenças biológicas para se organizar. O que levou Simone de Beauvoir a condenar a sociedade patriarcal por reduzir as mulheres à representação subalterna de um corpo, sexo e matriz. Segundo ela (1967, p.308), a mulher “foi engendrada na generalidade de seu corpo, não na singularidade de sua existência”. Nesse sentido, sua famosa sentença “Não se nasce mulher, torna-se”, simbolizou uma reação aos modelos de masculinidade e feminilidade à época, definidos pelas sociedades, através da forma de se comportar, de falar, de vestir dentro dos parâmetros do patriarcado.

Para esse aspecto, Boris e Cesídio (2007) ressaltam que:

O sistema patriarcal era, principalmente, reproduzido pela elite urbana, composta pelos comerciantes, profissionais liberais e altos funcionários públicos, que tinham maior acesso aos saberes dos médicos e dos padres, mas também pelos pobres e escravos. Segundo Fischer (2001), a religião desempenhou um papel importante neste sistema, sobretudo para a manutenção dos valores vigentes, na medida em que acrescentou restrições e temores sobrenaturais ligados às consequências da desobediência: por exemplo, ela não apenas levaria ao inferno, mas transtornaria toda a vida do pecador e atrairia desastres e misérias contra ele como castigo divino. Ou seja, o discurso da religião (com predomínio da Igreja Católica), confirmava e enfatizava aquilo que era vigente na família: aquele que burlasse as normas vigentes da Igreja, como, por exemplo, romper as regras relativas à virgindade da mulher, deveria sofrer castigo. (BORIS; CESÍDIO, 2007, p.458).

Como resposta a ordem patriarcal e a opressão exercida sob as mulheres, houve a emergência dos movimentos feministas. Para Francine Descarries (2000, p.9):

As últimas décadas têm sido o teatro do renascimento do movimento feminista em várias regiões do mundo. Desenvolveu-se como mentor de um

18º REDOR

24 a 27 de Novembro
2014

Universidade Federal Rural de Pernambuco, Recife - PE
Tema: Perspectivas Feministas de Gênero:
Desafios no Campo da Militância e das Práticas



reagrupamento democrático sem precedentes, contestando a onipresença das categorias de sexo na organização e na estruturação das sociedades, bem como discurso crítico das condições de produção e reprodução das relações sociais de sexo. É difícil alcançar a amplitude do acontecimento histórico que constitui a emergência contemporânea de um saber e uma prática feministas, sua integração, mesmo de forma imperfeita, aos campos do conhecimento e das representações sociais.

Neste sentido, pode-se considerar que essas tensões a respeito da exclusão das mulheres das esferas sociais, ocasionam movimentos feministas organizados que buscam romper com construções sociais embasadas no patriarcalismo, e buscam repensar a questão do sexo. Segundo teóricas feministas, houve várias fases no feminismo, conhecido como “ondas feministas”, primeira, segunda e terceira onda, que ocorreram em épocas diferentes historicamente construídas conforme as necessidades políticas, contexto material e social e as possibilidades pré-discursivas de cada tempo (Scott, 1986).

Nosso foco aqui é a considerada segunda onda do feminismo, a qual ressurgiu nas décadas de 1960 e 1970 principalmente nos Estados Unidos e França, onde as militantes buscavam denunciar a opressão masculina e lutar pela igualdade, e também, enfatizavam a falta de autonomia das mulheres pelos seus corpos. A Segunda onda do feminismo nasceu no contexto de pós Segunda Guerra Mundial, onde a efervescência cultural foi grande e movimentos como: Hippies, Estudantis e de Trabalhadores buscaram se organizar como respostas aos regimes ditatoriais e totalitários que estavam em vigência em vários países, como no Brasil. Entre essas mobilizações estão situados os movimentos em favor da emancipação feminina, como por exemplo, a luta pelos direitos reprodutivos e por condições trabalhistas mais igualitárias, dentre outras pautas.

Para Joana Maria Pedro:

Ainda que fortemente inspirado pelos movimentos feministas de “Segunda Onda”³ que se multiplicaram no exterior, no Brasil guardou

³ Costuma-se definir como “Primeira Onda” o movimento feminista que, no final do século XIX e início do XX, reivindicava para as mulheres direitos políticos (votar e ser eleita), direito à educação com currículos iguais aos dos homens e direito ao trabalho remunerado com salário igual por trabalho igual.

“Segunda Onda” denomina o movimento iniciado a partir de meados dos anos 1960 e que acrescenta reivindicações referentes à sexualidade (direito ao prazer), ao corpo (aborto e contracepção). Essa classificação, entretanto, tem sido questionada por alguns estudiosos.

18º REDOR

24 a 27 de Novembro
2014

Universidade Federal Rural de Pernambuco, Recife - PE

Tema: Perspectivas Feministas de Gênero:

Desafios no Campo da Militância e das Práticas



especificidades por conta da conjuntura política; o país vivia sob uma ditadura militar que colocava grandes obstáculos à liberdade de expressão e levava, como reação, a luta políticas e sociais com viés de esquerda. Os grupos de oposição contavam com grande participação de mulheres que também estavam envolvidas nos chamados “movimento de mulheres” e na militância feminista. Com isso, no Brasil, a questão do trabalho e os problemas da mulher trabalhadora tiveram inicialmente prioridade sobre tantas outras pautas feministas da “Segunda Onda”. Porém, em pouco tempo, as demais reivindicações ganhavam força, com destaque para os assuntos ligados a sexualidade e corpo e à violência contra a mulher, por exemplo. (PEDRO, p.240, 2012).

Segundo Rachel Soihet, esses movimentos feministas que surgem em meados da década de 1960, foi um grande avanço para o surgimento da História das Mulheres, principalmente no ensino superior. Devido a estes movimentos deu-se “as reivindicações das mulheres provocaram uma forte demanda de informações, pelos estudantes, sobre as questões que estavam sendo discutidas” (SOIHET, 1997, p.276). O feminismo da década de 1970, fez com que emergisse novos temas, questionamentos, deu maior visibilidade às mulheres como agentes históricos, propondo que os indivíduos não fiquem presos em conceitos pré-estabelecidos pela sociedade, mas que buscassem romper com construções sociais embasadas nas diferenças biológicas entre homens e mulheres.

O movimento de mulheres que aparece durante esse período, rompeu com uma tradição, a qual as mulheres manifestavam publicamente valores tradicionais e conservadores, como ocorreu com a Marcha da Família com Deus pela Liberdade, que precede o golpe militar (BLAY, 1987). Esse movimento trouxe uma nova versão da mulher brasileira – apesar de ser um movimento heterogêneo, composto por diversas vertentes ideológicas: comunistas, anarquistas, etc. -, que vão as ruas e reivindicam espaços os quais não tinham acesso, denunciando as desigualdades e opressões. Porém, atou-se do surgimento de um feminismo cujas militantes estavam em sua maioria também engajadas nos grupos de esquerda ou nas lutas democráticas, criando um movimento feminista bastante politizado, o que Goldberg chamou de um feminismo bom para o Brasil (GOLDBERG, 1988).

Ver Clare Hemmings, “Contando histórias feministas”, em *Revista Estudos Feministas*, v. 17, n. 1, 2009, p. 215-241.

18º REDOR

24 a 27 de Novembro
2014

Universidade Federal Rural de Pernambuco, Recife - PE

Tema: Perspectivas Feministas de Gênero:

Desafios no Campo da Militância e das Práticas



O novo feminismo articulado em torno da bandeira “ *pessoal é político*”, trazia em si um profundo questionamento dos parâmetros conceituais do político, rompendo assim com os próprios limites do conceito, até então identificado pela teoria política com o âmbito da esfera pública e das relações sociais que aí acontecem, isto é, do campo da política (COSTA, 2005, p.10).

Ao afirmar que “o pessoal é político”, o feminismo traz para o espaço da discussão política as questões até então vistas e tratadas como específicas do privado, quebrando a dicotomia público-privado base de todo o pensamento liberal sobre as especificidades da política e do poder político. (COSTA, 2005, p.10). As opressões sofridas pelas mulheres no âmbito do lar, as violências domésticas, têm raízes sociais e requerem, portanto, soluções coletivas, segundo as feministas à época. Com isso, o conceito político é ressignificado e a própria forma de entender a política, na medida em que estende sua ação para o doméstico. Elas deram visibilidade a injustiças localizadas em outros lugares: como na família. Para Fraser:

Feministas da segunda onda ampliaram o campo de ação da justiça para incluir assuntos anteriormente privados como sexualidade, serviço doméstico, reprodução e violência contra mulheres. Fazendo assim, elas ampliaram efetivamente o conceito de injustiça para abranger não apenas as desigualdades econômicas, mas também as hierarquias de status e assimetrias do poder político (FRASER, p. 19, 2009).

A maioria das feministas da segunda onda – com exceção das liberais -, concordaram em que superar a subordinação das mulheres requeria uma mudança radical nas estruturas sociais e economias, pois não havia distribuição, nem reconhecimento e representação das mulheres nas estruturas sociais e políticas, e para que tal situação mudasse era necessária uma outra forma de organização social que não fosse capitalista, organizada pelo Estado de forma androcêntrica.

Outro ponto fundamental para a discussão dos feminismos da década de 1970 é a bandeira de luta, “direito ao corpo”. Essa, não é uma pauta recente dos movimentos feministas a nível mundial. No Brasil, na década de 1970 revistas feministas, coletivos feministas passaram a discutir a sexualidade das mulheres, opção sexual e assuntos discutidos nesses grupos, pode hoje causar espanto: como

18º REDOR

24 a 27 de Novembro
2014

Universidade Federal Rural de Pernambuco, Recife - PE

Tema: Perspectivas Feministas de Gênero:

Desafios no Campo da Militância e das Práticas



uma mulher adulta ainda não sabia o que era orgasmo? Segundo Joana Maria Pedro (2012):

A facilidade de obter informações que se tem atualmente sobre o corpo e o prazer sexual não existia em meados dos anos 1960 e início dos anos 1970. E mais; durante muito tempo, acreditou-se que a “mulher distinta”, “respeitável”, não sentia desejo, nem prazer, pois todo seu ser deveria destinar-se à maternidade (PEDRO, 2012, p.242).

Era negado as mulheres o prazer, o autoconhecimento de seus corpos. Nesse contexto, folhetins e revistas de caráter feminista difundiram discussões as quais as mulheres eram privadas, no que diz respeito de seus corpos e também a partir da troca de experiência e vivência das mulheres em reflexões coletivas. Segundo Costa (2009), em 1975 é criado o jornal *Brasil Mulher* em Londrina, no Estado do Paraná, ligado ao Movimento Feminino pela Anistia e publicado por ex-presas políticas. No início de 1976, um grupo de mulheres universitárias e antigas militantes do movimento estudantil começaram a publicar o jornal *Nós Mulheres*, que desde seu primeiro número se auto identifica como feminista dentro de uma perspectiva classista. Em 1976 surgiu outro periódico em São Paulo: o *Nós Mulheres*, o qual era editado por mulheres que apesar de dizerem distantes da “militância política organizada”, era em grande parte ex- exiladas pertencentes à vertente Debate⁴ (Pedro, p.248, 2012). Ou seja, esses periódicos da década de 1970 foram singulares para gerar um empoderamento nas mulheres, divulgar ideias e dar visibilidade a temas não tratados nas revistas à época.

Relacionando os movimentos feministas da década de 1970 com as Marchas das Vadias, percebemos que as Marchas retomam questões como o prazer das mulheres, a opção sexual, a liberdade, levanta bandeiras como: “Meu corpo, minhas regras”, deixa-se explícito, que a liberdade de escolha feminina sobre seu corpo é fundamental dentro deste diálogo. Pauta que estava presente nos movimentos de mulheres da década de 1970 e 1980 e que, até hoje não foram alcançadas de forma plena. Um exemplo disso é a questão da legalização do aborto, bandeira de luta

⁴ Debate era uma dissidência política surgida no exílio que agrupava militantes da Vanguarda Popular Revolucionária (VPR), da Vanguarda Armada Revolucionária Palmarensis (VAR-Palmares) e do Partido Comunista Brasileiro (PCB), além de mulheres autônomas.

18º REDOR

24 a 27 de Novembro
2014

Universidade Federal Rural de Pernambuco, Recife - PE

Tema: **Perspectivas Feministas de Gênero:**

Desafios no Campo da Militância e das Práticas



histórica dos movimentos feministas, a qual as militantes das Marchas das Vadias buscam dar visibilidade e incitar a discussão sobre o aborto.

Segundo dados da Pesquisa Nacional do Abortamento (PNA), uma em cada cinco mulheres já realizaram aborto antes de completar 40 anos. A cada ano, são realizados cerca de um milhão de abortos no Brasil, com 250 mil internações por complicações do procedimento e 250 mortes registradas. Segundo a mesma pesquisa o aborto é feito nas idades que compõem o centro do período reprodutivo das mulheres, isto é, entre 18 e 29 anos, e é mais comum entre mulheres de menor escolaridade, fato que pode estar relacionado a outras características sociais das mulheres de baixo nível educacional.

Com isso, percebemos que o corpo feminino é político e que historicamente na sociedade patriarcal as mulheres são privadas do direito de escolha de seus corpos. Há um controle dos corpos das mulheres pela religião e pelo Estado, os quais decidem quem vive e quem morre. Além disso, os corpos foram docilizados, são possíveis de manipulação e de fácil adestramento. A sociedade fabrica corpos dóceis segundo a perspectiva Foucaultiana, e isso acontece no que diz respeito aos corpos das mulheres.

2. O corpo e a cidade

O corpo não é apenas matéria, mas uma contínua e incessante materialização de possibilidades. Representar, dramatizar, reproduzir, parece ser algumas das estruturas elementares da corporalização (BUTLER, 2004, p. 73). Essas representações em sua maioria são consequências das construções sociais, do que é imposto, através de introjeções feitas, são projetados modelos como no caso das mulheres, pois sustentado na distinção biológica entre homem e mulher a cultura vigente codifica, define o corpo da mulher como subordinado e passivo e como objeto de olhar masculino (WOLFF, 2003).

18º REDOR

24 a 27 de Novembro
2014

Universidade Federal Rural de Pernambuco, Recife - PE

Tema: Perspectivas Feministas de Gênero:

Desafios no Campo da Militância e das Práticas



Segundo Elizabeth Grosz (2003), entre os princípios estruturantes do corpo produzido está a inscrição e codificação (organizada através de estruturas familiares) através de desejos sexuais (o desejo do outro). A produção e desenvolvimento do corpo se dão através de diversos regimes de disciplina e formação, incluindo a coordenação e integração das suas funções corporais, para que possa não só assumir as tarefas sociais que lhe são exigidas. Grosz, afirma que as relações entre o corpo e a cidade são de extrema importância, pois a cidade é um dos fatores cruciais na produção social da corporalidade (sexuada). Ela ressalta ainda que:

A cidade é a condição e o meio no qual a corporalidade se produz social, sexual, e discursivamente. Contudo, se a cidade é um importante contexto e enquadramento para o corpo, falta-nos compreender que as relações entre corpos e cidades são mais complexas (GROSZ, 2011, p.91).

Com o processo de urbanização, as mulheres passaram a ingressar na sociedade, e com isso, o sistema patriarcal começou a mostrar sinais de fraqueza, pois esse ingresso fez com que as mulheres pudessem ter acesso ao mercado de trabalho e aos meios de produção, podendo se desenvolver como profissionais e também a circular no âmbito público, saindo do privado, doméstico. Porém, o capitalismo se apropriou dessa conquista, Boris e Cesídio (2007) relatam sobre aspecto que:

Paralelamente, no período do início da industrialização, o corpo reprimia seus desejos, suas emoções e sua naturalidade em prol do sistema vigente, que apenas explora a sua força de trabalho. Segundo Couto (1995), tal processo, que pode ser chamado de “docilização do corpo” (p. 63), ocorreu de forma violenta e indiscriminada, fazendo do corpo objeto passível de ser manipulado. Para o capitalismo, o corpo e a sexualidade devem ser controlados para que se forme um operário dócil, que se submete à sua disciplina. Portanto, seu corpo passou a ser usado como um meio para atingir um fim – a produção industrial –, tornando-se submisso ao sistema vigente. (BORIS; CESÍDIO 2007, p. 460).

Nesse sentido, explorar a relação cidade e corpo com as Marchas das Vadias torna-se fundamental para compreender o impacto do movimento nas cidades, as relações das mulheres com os espaços públicos e os espaços que sempre foram atribuídos às mulheres na ordem patriarcal: o espaço privado.

Historicamente a dicotomia virgem *versus* prostituta está presente na sociedade. As mulheres virgens, puras, estão destinadas aos espaços privados, o

18º REDOR

24 a 27 de Novembro
2014

Universidade Federal Rural de Pernambuco, Recife - PE

Tema: Perspectivas Feministas de Gênero:

Desafios no Campo da Militância e das Práticas



lar. “A esfera pública, por oposição à esfera privada, designa o conjunto, jurídico ou consuetudinário, dos direitos e deveres que delineiam uma cidadania; mas também os laços que tecem e fazem a opinião pública”, escreveu Perrot (1998, p.7-8), para introduzir a reflexão sobre a construção que permeou a relação das mulheres com o espaço público e político.

Na explicação de Perrot (1998, p. 8), “o lugar da mulher no espaço público” sempre foi problemático. No mundo ocidental, em particular, que, desde a Grécia antiga que pensa a cidadania e constrói a política como o coração da decisão e do poder, traduziu-se e expressou-se na divisão racional dos papéis, das tarefas e dos espaços sexuais. “Para os homens, o público e o político, seu santuário. Para as mulheres, o privado e seu coração, a casa”.

Exemplar nesse sentido, “reapropriação” da palavra “Slut”, no português “vadia”, de modo a colocar nela outros valores, visto que o termo e suas traduções são carregados de uma simbologia, como ressalta Helene (2011):

Ou seja, as marchas contestam as simbologias que carregam os corpos das mulheres dependendo de sua maneira de vestir, agir e locais que frequentam na cidade. Isso porque, a organização genericada do espaço da cidade ainda é marcada pela existência de dois papéis exclusivos destinados às mulheres: ou você é “vadia”, “vaga-bunda” e “puta” (slut)/ou você é “esposa” e “moça de família”. Cada um destes papéis tem seu lugar simbólico na cidade: a esposa deve permanecer confinada às funções e ao espaço do “lar”; e as prostitutas restritas às funções e ao espaço destinado à prostituição (certas ruas da cidade, bordéis e as “zonas” de prostituição) (HELENE, 2011, p.72).

Ressignificar o termo “vadia” segundo as militantes das marchas, tornou-se um ato político, pois as intituladas vadias arriscam-se a sair nas ruas vestindo de certo modo a exercer livremente a sexualidade, questionam o “temor” internalizado ao espaço público que se impõe aos seus corpos, utilizando-os como lugar político, como ferramenta de manifestação de regras e hierarquias sociais. Nas Marchas, as intituladas “vadias” invadem as ruas com roupas curtas, de lingerie, meias arrastão, peitos nus, com frases escritas em seus corpos que questionam o patriarcado como: *meu corpo, minhas regras; sou minha só minha e não de quem quiser*, dentre outras. O deboche e a ironia são presentes nas marchas, além de descaracterizam a

18º REDOR

24 a 27 de Novembro
2014

Universidade Federal Rural de Pernambuco, Recife - PE

Tema: Perspectivas Feministas de Gênero:

Desafios no Campo da Militância e das Práticas



imagem que foi criada das feministas de feias, mal humoradas, como ressalta Verônica Ferreira (1996):

A imagem da feminista masculinizada e agressiva que circula no senso comum, criada no início do século e consolidada ao longo do tempo, amedrontava e amedronta as próprias mulheres, emancipadas ou não, pobres e ricas. [...] As imagens deturpadas do feminismo, veiculadas tanto pelos meios de comunicação de massa quanto pela imprensa alternativa, semearam esse medo e essa rejeição à figura da feminista no imaginário popular de diferentes formas. Além da imagem da feminista como feia, masculinizada e feroz, que podemos considerar incorporada ao folclore brasileiro, outra imagem: a feminista "perua", a mulher emancipada que só quer exibir o corpo e pregar a liberdade sexual (FERREIRA, 1996, p. 182).

Essas imagens negativas das feministas que era propagada na década de 1970 e 1980 criava uma rejeição por parte de muitas mulheres e da sociedade ao feminismo. O trabalho de desconstrução dessas imagens e de elaboração de outra, nova e positiva, foi uma tarefa a que se propuseram feministas da década posterior e revistas femininas. As Marchas das Vadias buscam desconstruir essa imagem também e as ruas tornam-se um espaço ideal para performances, “essas ações corporificam, na encenação da experiência urbana, o descarte, por alguns instantes, de controles que tolgem a invenção (e inversão) de posições sociais nos fluxos urbanos” (RIBEIRO, 2010, p. 31).

Através dessas performances nas ruas, das contestações dos padrões vigentes no que diz respeito às mulheres, as militantes utilizam os próprios corpos como plataforma, constituindo um “corpo político”, um corpo agente na esfera pública e política. Assim as Marchas das Vadias tornam-se palco de performances coletivas.

Segundo Harvey (2004), o corpo pode e deve ser instrumento político. Diferenças de classe, raça e – é claro – gênero estão inscritas nos corpos, condições que moldam práticas e relações (inclusive as de poder), por sua vez inseridas em diversos processos e sistemas de representação (dominantes ou não), como padrões de beleza, formas de se vestir e outras intervenções tornadas atributos identitários.

Considerações finais

18º REDOR

24 a 27 de Novembro
2014

Universidade Federal Rural de Pernambuco, Recife - PE

Tema: Perspectivas Feministas de Gênero:

Desafios no Campo da Militância e das Práticas



Face ao exposto, percebemos que as lutas pela liberação feminina da década de 1970, na considerada Segunda onda do feminismo, possui semelhanças de bandeiras de lutas, agendas políticas no que diz respeito às Marchas das Vadias. De fato houve avanços através das lutas travadas há séculos pelos movimentos feministas, porém as mulheres continuam limitadas quando a questão posta é a autonomia do corpo, violências físicas e simbólicas. De maneira velada, a ordem patriarcal continua vigente na sociedade, oprimindo todas as mulheres.

As Marchas das Vadias é um movimento que merece atenção no que tange os movimentos sociais contemporâneos. As marchas realizadas, ao reivindicarem o direito da mulher sobre seu corpo, sua liberdade e sua segurança, buscam desvelar a violência exercida sobre as mulheres. Violência física que explicita a compreensão das mulheres enquanto corpo a ser docilizado pelo homem; violência simbólica que busca a manutenção de determinada ordem social, patriarcal no qual coloca as mulheres em um patamar de inferioridade na hierarquia social.

Esse movimento possui uma potencialidade muito grande, pois traz à tona a posição que as mulheres têm ocupado na sociedade e através dessas trocas de informações com outras militantes feministas, cria-se uma rede de informações, articulações, visando, de fato, uma real autonomia para as mulheres, com novas cores, novas estratégias de militância, utilizando o cyberativismo, as redes sociais como instrumento da disseminação da opressão sofrida pelas mulheres e também como ferramenta de empoderamento feminino.

REFERÊNCIAS

BANDEIRA, Lurdes. Feminismo: Memória e História. In: Feminismo, Memória e História. SALES, Celecina et al (orgs). Fortaleza, Imprensa Universitária, 2000.

BORIS, Georges Daniel Janja Bloc; CESÍDIO, Mirella de Holanda. Mulher, corpo e subjetividade: uma análise desde o patriarcado à contemporaneidade. Revista Mal-estar e subjetividade – Fortaleza – vol. vii – Nº 2 – p. 451-478 – set/2007.

18º REDOR

24 a 27 de Novembro
2014

Universidade Federal Rural de Pernambuco, Recife - PE

Tema: Perspectivas Feministas de Gênero:

Desafios no Campo da Militância e das Práticas



BUTLER, Judith. Actos performativos e constituição de gênero – Um ensaio sobre fenomenologia e teoria feminista. In: Gênero, Cultura visual e Performance: Antologia crítica. Org: MACEDO; RAYNER. Edições Húmus, 2011.

COSTA, Ana Alice Alcântara. O movimento feminista no Brasil: dinâmicas de uma intervenção política. Revista Gênero. V.5, n.2. Niterói: NUTEG/Eduff. 1. sem. 2005.

DESCARRIES, Francine. Teorias feministas: liberação e solidariedade no plural. In: Feminismos: Teorias e Perspectivas, org: Tania Navarro Swain. Revista do Programa de Pós-graduação em História da UnB, Brasília, UnB, vol.8, n.1/2, 2000.

GOLDBERG, A. 1988. Tudo começou antes de 1975: ideias inspiradas pelo estudo da gestão, de um feminismo bom para o Brasil. Relações sociais de sexo X Relações sociais de gênero. São Paulo, Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas da USP.

GROSZ, Elizabeth. Corpos-cidades. In: Gênero, Cultura visual e Performance: Antologia crítica. Org: MACEDO; RAYNER. Edições Húmus, 2011.

HARVEY, D. Espaços de esperança. São Paulo: Loyola, 2004.

HELENE, Diana. “Se cuida seu machista, a América latina vai ser toda feminista”. Disponível em: <http://mstrio.casadomato.org/se-cuida-seu-machista-a-america-latina-vai-ser-toda-feminista/> Acesso em: 05 de jul. 2014.

LOBO, Elizabeth Souza. A classe operária tem dois sexos; trabalho, dominação e resistência. Perseu Abramo, São Paulo, 2011.

MACHADO, José Roberto S. Ativismo em rede e conexões identitárias: novas perspectivas para os movimentos sociais. Revista Sociologias, Porto Alegre, ano 9, nº 18, p. 248-285, 2007. Acessado em 30/julho/2013. Disponível em: <http://www.scielo.br/pdf/soc/n18/n18a12.pdf>

PEDRO, Maria Joana; PINSKY, Carla Bassanezi. Nova história das Mulheres no Brasil, Editora Contexto, 2012.

PERROT, Michelle. Minha história das mulheres. São Paulo, editora Contexto, 2007.

18º REDOR

24 a 27 de Novembro
2014

Universidade Federal Rural de Pernambuco, Recife - PE

Tema: Perspectivas Feministas de Gênero:

Desafios no Campo da Militância e das Práticas



_____. 1998

RAGO, Margareth. Adeus ao Feminismo? Feminismo e (Pós) Modernidade no Brasil. In: *Cadernos AEL*. Campinas: Arquivo Edgard Leuenroth, Instituto de Filosofia e Ciências Humanas, Unicamp 1995/1996, n. 3/4, p. 11-43.

RIBEIRO, A.C. T. Dança dos sentidos: na busca de alguns gestos. In: Jacques, P. B., BRITTO, F. D. (Org.) *Corporidade: debates, ações e articulações*. Salvador: EDUFBA, 2010. p. 24-41.

SOIHET, Rachel. História das Mulheres. In: CARDOSO, Ciro Flamarion; VAINFAS, Ronaldo. *Domínios da História: ensaios de teoria e metodologia*. Rio de Janeiro: Campus, 1997.

WOLFF, Janet. Recuperando a corporalidade: Feminismo e política do corpo. In: *Gênero, Cultura visual e Performance: Antologia crítica*. Org: MACEDO; RAYNER. Edições Húmus, 2011.